

ANÁLISE TEOLÓGICA DAS MÚSICAS CONTEMPORÂNEAS



Conhecendo o que você toca, analisando o que você canta.

“Há, por exemplo, tantas espécies de vozes no mundo, e nenhuma delas sem significação.” (1Coríntios 14.10)

1. INTRODUÇÃO

Há uma expressão muito usada nos dias de hoje e que tem gerado uma profunda preocupação. É a conhecida expressão: “*não tem nada a ver*”.

Muitas vezes quando admoestamos alguém, por algo que ela está fazendo, logo recebemos como resposta: “*isso não tem nada a ver; vocês estão por*

fora; estão exagerando.”.

Por conta desse tipo de postura, muitos cristãos têm sido influenciados, de forma negativa, por canções cujas letras expressam doutrinas antibíblicas ou extra-bíblicas. E por falta de conhecimento ou discernimento, por parte de quem as ouvem, essas músicas acabam por fazer parte do contexto doutrinário de muitas igrejas e denominações.

A música é um veículo usado para transportar um ou mais sentimentos ou impressões. A palavra “música”, do grego *συνφωία* (*sinphonía* = “*som junto*”), significa a “*arte de expressar os diversos afetos da alma através dos sons*”. Através da combinação dos elementos musicais que são o ritmo, a melodia e a harmonia, você consegue expressar sentimentos muitas vezes sem dizer uma palavra. Através desses elementos é possível criar diversos ambientes que mexem com os sentimentos das pessoas podendo até mesmo manipular involuntariamente a platéia.

A música também é um veículo para transporte de mensagens claras, isto é, explícitas. A história nos mostra que a música tem sido uma arma poderosa para difusão de mensagens às grandes massas. Não há nos dias de hoje um veículo tão eficaz para manipulação de idéias e comportamentos como a música.

O objetivo desse estudo é promover uma análise, do ponto de vista bíblico, de algumas músicas cristãs que, apesar de se fazerem presentes nos cultos de diversas igrejas e denominações – sejam elas tradicionais, pentecostais ou carismáticas – têm em seu conteúdo um “outro evangelho” (cf. Gálatas 1.6-9), e por isso devem ser rejeitadas.

2. A REALIDADE DOS LOUVORES CONTEMPORÂNEOS NA IGREJA.

Algumas hipóteses foram traçadas para se buscar a explicação da realidade dos louvores contemporâneos na Igreja, que se parecia distante dos preceitos bíblicos. Elas se constituíram no norteador da pesquisa e podem ser descritos da seguinte forma:

- Os louvores cantados nas igrejas têm sofrido grande influência do meio secular e do pensamento da época, o que tem modificado sua forma e conteúdo, devido à tendência eclesiástica contemporânea de se apresentar amigável à sociedade, incluindo padrões seculares em sua religiosidade;
- Os louvores cantados nas igrejas, se comparados a louvores antigos e aos hinos compostos, têm uma grande lacuna de expressão doutrinária sólida e sã teologia, percebida pela falta de definição doutrinária nas igrejas do nosso tempo, que enfatizam o aspecto prático e proclamam a libertação das prisões da teologia;
- A centralidade de Cristo, traço característico da Igreja Cristã ao longo dos séculos, em especial da Igreja Reformada, tem sido abandonada e substituída pela centralidade do homem nos cânticos contemporâneos de louvor, por reflexos do gnosticismo, humanismo, e romantismo em nossos dias;
- Os louvores cantados nas igrejas estão vazios de fundamentação bíblica, consequência do abandono do princípio *Sola Scriptura*, característico do pensamento Reformado, e da ênfase contemporânea em experiências e revelações extra-bíblicas.

Diante dos pressupostos acima, surgem as seguintes perguntas: Por que a realidade dos louvores que cantamos em nossas igrejas chegou a esse panorama? Por que pessoas reconhecidas nacionalmente, como sendo “gente de Deus”, compõem canções que destoam quase que totalmente dos preceitos bíblicos? A resposta para essas perguntas depende da compreensão de um conceito de suma importância: a “tríade da Revelação”.

3. A TRÍADE DA REVELAÇÃO

Perguntaram, certa vez, a uma pregadora carismática como ela preparava suas mensagens. Ela respondeu: “*Deus me revelou este sermão. Eu não preparo as mensagens que prego. Deus as entrega diretamente a mim*”. Isto é perigoso, pois coloca o pregador acima da crítica e da avaliação. É doentio, pois faz da pessoa um oráculo de יהוה (*Yahweh*), tornando conceitos humanos como divinos.

Da mesma forma, para muitos compositores, suas canções vieram diretamente de Deus. Creio que Deus nos ilumina ao compormos uma canção, mas não que Ele nos inspira. Evitemos confundir conceitos. Uma citação feita por um teólogo brasileiro (chamado Werner Kaschel) nos ajuda a entender esses aspectos. Ele diz:

“Três doutrinas vão sempre juntas, na inteligente apreciação do valor da Escritura: revelação, inspiração e iluminação. Para o autor (do texto bíblico) veio a **REVELAÇÃO**; para a Escritura que ele transmite veio a **INSPIRAÇÃO**; para o leitor que busca saber por meio dela a verdade e a vontade de Deus, virá, nas condições de espiritualidade, a **ILUMINAÇÃO**. O profeta e o apóstolo foram **MOVIDOS**. Suas Escrituras foram **INSPIRADAS**. Nós somos **ILUMINADOS**”.

O gráfico abaixo reproduz o conceito do Dr. Werner Kaschel sobre a funcionalidade dos aspectos acima citados, os quais podem ser chamados de “tríade da Revelação”:



3.1. A revelação.

Revelação, do grego ἀποκάλυψις (*apokálypsis* = “descobrimto, divulgação”), significa “comunicação do conhecimento de Deus para a alma” e/ou “uma expressão da mente de Deus”. É o conteúdo da Bíblia apenas, não mais que isso. O mais é duvidoso (cf. Deuteronômio 29.29).

O conceito de revelação é um conceito relacionado à coisa revelada. Falar de revelação é falar daquilo que se torna perceptível, conhecido, declarado, mostrado, e que, antes desse fenômeno, não era perceptível, conhecido, declarado ou mostrado. Não se trata, ainda, do processo, mas da coisa em si.

O Cristianismo é uma religião revelada, isso quer dizer que nós conhecemos a Deus porque ele se dá a conhecer a nós. E não há outra forma de conhecê-lo ou à sua vontade. Assim, dispensar sua revelação, que para nós está na Bíblia, ou achar que Deus possa ser encontrado em outro lugar, como a natureza, é dispensar o conhecimento salvífico, de Deus. Logo, não podemos ir além da revelação de Deus, é inútil querer saber coisas às quais Deus não quis que conhecêssemos. Podemos tentar entender apenas

o que está escrito, além disso, é especulação. Como Jesus no episódio da tentação no deserto, devemos nos ater ao “está escrito”. Tanto quanto possível, a Escritura deve guiar os nossos pensamentos sobre Deus e não o contrário. Deus é o que Ele diz que é, e não o que achamos que Ele seja.

3.2. A inspiração.

Inspiração, do grego θεόπνευστος (*theópneustos* = “soprado por Deus”), significa “soprado para fora, da parte de Deus”. É a ação supervisionada por Deus sobre os autores humanos da Bíblia, de modo que usando de suas próprias personalidades e estilos, registraram “sem erros” as palavras da revelação de Deus ao homem (cf. 1 Tessalonicenses 2.4).

A inspiração, em sentido restrito, significa o fenômeno pelo qual Deus habilitou o profeta a comunicar de forma confiável e precisa o conteúdo da revelação. Assim, embora a inspiração das Escrituras não seja sinônimo de revelação, esta se apresenta intimamente relacionada com aquela. Inspiração é o impulso divino e a assistência pela qual a revelação previamente recebida possa ser própria e adequadamente transmitida e escrita. O profeta precisava fazer mais do que comunicar. Ele devia comunicar de maneira confiável e, portanto, dependia de Deus, tanto para receber como para transmitir o que lhe era comunicado. Aqui estamos diante de um mistério extraordinariamente profundo, em que as palavras humanas se tornam a Palavra de Deus. Devido à inspiração, o produto da atividade dos autores bíblicos transcende aos poderes humanos e torna-se o veículo da autoridade divina.

Em 2 Timóteo 3.16, o apóstolo Paulo diz: “Toda Escritura é **divinamente inspirada** e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça.”. A primeira parte da sentença está muito bem traduzida para o português, de modo que dificilmente pode ser substancialmente melhorada. No entanto, a palavra específica “inspirada” não ajuda muito na compreensão do sentido original e das reais intenções do escritor sagrado, pois o adjetivo assim traduzido θεόπνευστος (*theópneustos*) significa soprado **para fora**, e não soprado **para dentro**, da parte de Deus – divinamente expirado e não inspirado.

O pensamento envolvido não é que Deus sopra por meio das Escrituras, ou que as Escrituras soprem Deus por meio de suas páginas, mas antes, é que Deus é soprado pelas páginas das Escrituras. As palavras de Paulo significam não que a Escritura é inspiradora (ainda que isso seja verdade), mas sim, que a Escritura é um produto divino, e que, portanto, deve ser reputada e examinada como tal.

3.3. A iluminação.

Iluminação, do grego φωτίζω (*phōtizō* = “dar luz, brilhar”), é usado metaforicamente acerca de “esclarecimento” espiritual (cf. Efésios 1.18; Hebreus 6.4; 10.32). É o ministério do Espírito Santo que esclarece as verdades reveladas na Bíblia. Trata da compreensão e entendimento da palavra inspirada por Deus. Torna-se imprescindível a oração. É importante saber que a Bíblia original não possui erros, mas as traduções podem causar divergências de idéias.

A iluminação não nos traz uma verdade nova, mas nos faz entender a verdade bíblica. E a iluminação não produz um oráculo divino, mas uma interpretação humana. As interpretações humanas estão sujeitas, e assim sofrem influência, aos intérpretes. O sermão é uma peça humana, produto de uma mente iluminada por Deus, mas sujeita a uma visão cultural do intérprete.

Em sua primeira carta à Igreja em Corinto o apóstolo Paulo diz: *“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.”* (1Coríntios 2.14).

Este homem natural é o homem não regenerado na sua melhor forma, é o homem a quem a filosofia grega elogiava. O homem referido aqui é aquele educado no alto de seus poderes intelectuais, mas destituído do Espírito de Deus.

Este homem, cujo poder de compreensão está limitado ao exercício de sua razão, não admite estas coisas espirituais em seu coração. A razão desta rejeição é que elas são loucura para ele.

Paulo afirma a impossibilidade de conhecê-las, e a sua razão, porque elas se discernem espiritualmente. Já o crente controlado pelo Espírito investiga, pesquisa e examina a Bíblia e chega a uma apreciação e compreensão de seu conteúdo. O inquirir e o analisar da verdade espiritual são ações do Espírito Santo que ilumina a página sagrada da Escritura para o crente.

Portanto, inspiração, revelação e iluminação são palavras técnicas de caráter teológico. Têm conteúdo específico, e servem para tentar traduzir a forma como os respectivos conteúdos de cada uma delas devem ser compreendidos. Cada uma delas a seu modo pretende descrever um determinado processo.

4. A ILUMINAÇÃO GERA “SOMBRAS”

Aprendemos no tópico anterior que Deus revelou, os escritores bíblicos de forma inspirada escreveram a Revelação e nós de forma iluminada buscamos entendê-la. Mas o fato é que toda iluminação gera “sombras”.

Por causa da nossa natureza caída e deformada pelo pecado – que atinge toda a humanidade, muitas vezes não temos condições de entender completamente o real significado das Sagradas Escrituras. Nós podemos chamar essa “obscuridade” existente na maneira como interpretamos a Bíblia de “sombras”. (cf. Colossenses 2.17; Hebreus 8.5). Por isso é necessário que o estudo bíblico seja feito de uma forma cada vez mais aguçada, em uma total dependência do Espírito Santo (cf. João 14.26) e com um gasto considerável de tempo e dedicação ao estudo, para que seja produzido trazer mais luz àquilo que ainda permanece na obscuridade que envolve a compreensão humana.

Por causa das sombras que surgem na mente humana, em decorrência da iluminação divina, é que todo ser humano está sujeito a cometer um erro – ainda que inconsciente – no momento de compor um sermão, uma canção, uma poesia, um estudo bíblico, um conceito particular etc. (cf. Oséias 4.6;

Marcos 12.24; João 3.8-10; Atos 8.30-31). Por isso é muito importante nós seguirmos a recomendação que o apóstolo Paulo fez à Igreja em Corinto: a de **nunca ir além daquilo que está escrito na Palavra de Deus** (cf. 1Coríntios 4.6).

5. ANÁLISE TEOLÓGICA DE ALGUNS CÂNTICOS SELECIONADOS

A partir das observações feitas em várias igrejas, daquilo que está sendo tocado nas rádios evangélicas e principalmente através das indicações de alguns ministros de louvor, selecionei aleatoriamente algumas músicas, buscando realizar nelas uma análise bíblico-teológica que servirá de base para responder a seguinte pergunta: As músicas cantadas hoje em nossas igrejas são de fato bíblicas?

5.1. E Ele vem (David Quinlan)

O tempo de cantar chegou o tempo de dançar chegou
E Ele vem Ele vem saltando pelos montes
Seus cabelos Seus cabelos são brancos como a neve
E nos Seus olhos nos Seus olhos há fogo

Incendeia Senhor a sua noiva
Incendeia Senhor a sua igreja
Incendeia Senhor a Sua casa vem me incendiar

Vem me incendiar
Vem me incendiar

Sinopse: A letra alude à aproximação e contato com o Divino, me incendiar – para expressar o desejo de comunhão com Deus. A figura utilizada é a do fogo. O autor clama a Deus que incendeie a noiva, a Igreja, a casa e ele.

Análise: A música tem por pano de fundo o texto de Apocalipse 1.14. Contudo, o texto é

tirado do seu contexto para dar a ênfase pretendida pelo autor. O texto é parte da descrição da visão de João em seu início, dando apenas uma descrição simbólica da pessoa de Cristo e, portanto, nada fala sobre a relação entre Cristo e a Igreja nos moldes do autor. A figura de Cristo saltando pelos montes ao vir é estranha ao texto. A figura do fogo, tão comum hoje em dia, normalmente é utilizada na Bíblia para descrever o juízo, ou a aplicação da ira Divina (cf. Hebreus 10.27, 12.29; 2Crônicas 7.1; 2Reis 1.10). Os versículos seguintes demonstram que esta é a idéia do texto, e portanto não é prudente pedir por fogo ou incêndio, por mais que isto soe como devoção e amor.

(...) Jesus crucificado e o inferno em festa se alegrou pensavam ter vencido e derrotado o salvador mas não eram os cravos o que prendiam na cruz foi o meu pecado que matou Jesus. O dia fez-se em trevas e o universo inteiro estremeceu a multidão perdida viu que aquele era o filho de Deus o véu do templo se rasgou e hoje eu posso entrar no santo dos santos venho adorar.

Bem no meio da festa o diabo começou a ouvir passos fortes que tremiam toda terra e foi conferir quando as portas se abriram e ao Cordeiro viu como um leão Jesus rugiu. Caiu como serpente e todo principado se prostrou o Leão de Judá pisou bem forte e os esmagou tomou as chaves das mãos do diabo abriu minhas cadeias e me resgatou.
(...)

Hoje eu sou livre para amar a Deus viver vitorioso como um filho seu
hoje eu sou livre para celebrar o pecado não pode mais me dominar.
Ele vive! Ele reina! ressucitou! E é vencedor! Está assentado! sobre o trono! Só Ele é digno! De todo louvor!

5.2. Vitória na cruz (Ana Paula Valadão Bessa)

Sinopse: Ensina que o sangue de Jesus, derramado na cruz do Calvário, foi para nos salvar da condenação eterna por causa do pecado. Jesus sofreu em nosso lugar e pagou toda a nossa dívida. A letra, da referida canção, expressa o conceito de que

Satanás organizou uma festa no inferno para celebrar a morte de Jesus – e conseqüentemente Sua derrota! Era como se Satanás não soubesse do plano salvífico de Deus em favor da humanidade e que, também, não entendia o real motivo de Jesus ter vindo ao mundo.

Análise: Quando analisamos as Sagradas Escrituras, vemos que essas afirmações não se sustentam. Ao contrário, o texto bíblico mostra que Satanás sabia claramente da missão de Jesus (cf. Gênesis 3.14-15). Satanás sabia que Deus enviaria alguém, da parte dEle, que o feriria e o destruiria completamente (cf. 2Tessalonicenses 2.8). E, sabendo disso, fez tudo o que estava ao seu alcance para impedir que Jesus fosse fiel ao seu chamado e cumprisse Sua missão. Primeiro o inimigo tentou corromper Jesus no início do Seu ministério (cf. Mateus 4.1-11). Como nós já sabemos, Satanás não obteve êxito em suas tentações. Mas o texto bíblico afirma que ele não desistiu; ele apenas se ausentou por algum tempo, buscando uma nova oportunidade (cf. Lucas 4.13). O diabo sabia que, se não fizesse alguma coisa, Jesus venceria e ele seria destruído juntamente com seus demônios (cf. Marcos 1.23-24; 1João 3.8b). Em outra oportunidade, Satanás usou a boca de Pedro para tentar, de forma sutil, persuadir Jesus a desistir da sua missão (cf. Mateus 16.21-23). Portanto, quando Jesus (estando pregado na cruz) clamou: *“E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado”* (João 19.30a), não houve festa no inferno – até porque inferno é um lugar de condenação eterna e não um salão social. Satanás ainda não está no inferno. Este lugar, preparado para o diabo e seus anjos e será inaugurado apenas no juízo final (cf. Mateus 25.41; Apocalipse 20.10). E quando estiver lá, Satanás estará em estado de sofrimento eterno e não de gozo. Sendo assim, quando Jesus morreu, ao invés de festejar, Satanás e seus demônios entraram em desespero. Eles sabiam que Jesus havia vencido e que suas condenações estavam próximas. Todo o poder da morte estava agora nas mãos de Jesus (cf. Apocalipse 1.8) e nada poderia ser feito para mudar essa situação. Satanás havia sido derrotado para todo o sempre. Sendo assim, não houve festa no inferno.

5.3. O bálsamo de Gileade (Ana Paula Valadão Bessa)

Há um bálsamo em Gileade
Há unção em Gileade
Vem sobre mim para curar
Vem sobre a filha de Sião

Há um médico em Gileade
Há remédio em Gileade
Vem sobre mim para curar
Restaura a filha de Sião

Sinopse: A música faz um convite ao povo de Deus para que ele se volte ao Senhor, com a promessa de que o povo – ferido e despedaçado pelo próprio Deus – seria curado. Para composição da letra da referida canção, foram utilizados alguns trechos bíblicos pertencentes ao capítulo 8 do livro do profeta Jeremias. Extraindo algumas palavras do capítulo, uma parte da canção afirma que há “unção”, “bálsamo”, “remédio” e até “médico” em Gileade.

Análise: O texto bíblico, usado como base para a composição da canção, afirma justamente o contrário. O que há é um juízo severo por parte de Deus que, diante de um povo rebelde e idólatra, lança uma praga tão nociva, que nenhum recurso da medicina existente na época conseguia reverter. Não havia unção, bálsamo, remédio e nem médico em Gileade que fizesse frente ao juízo divino.

Portanto, de acordo com o texto bíblico, não há unção, mas, sim, castigo em Gileade. Vamos entender um pouco mais o contexto da narrativa bíblica que aborda o tão falado “bálsamo de Gileade”:

O povo de Judá seguia um ritual de adoração, mas mantinha um estilo de vida pecaminoso. Era uma religião desprovida do comprometimento pessoal com Deus.

Do começo ao fim do Antigo Testamento (de Moisés a Malaquias), vemos que Deus enviou muitos profetas a Israel e a Judá. Não importa quão ruins as circunstâncias fossem o Senhor sempre levantava um profeta para falar contra as rebeldes atitudes espirituais daquele povo. É nesse contexto de rebeldia que Deus levanta o profeta Jeremias.

Quando Deus observou Judá, viu que a nação vivia no pecado por escolha própria e que ela se enganava por pensar que não haveria consequências sérias para os seus erros. Os judeus haviam perdido a perspectiva da vontade de Deus para sua vida e tentaram minimizar os seus pecados.

A região de Gileade, na Transjordânia, era famosa por ser uma importante fonte de produtos medicinais e curativos (cf. Gênesis 37.25). O bálsamo de Gileade era uma resina retirada de uma árvore chamada “Stirax” (que mede entre 2 e 14 metros e dá flores brancas). É uma substância branca, viscosa, que depressa se coagula, e é de valor para cura de inflamações. Era usada medicinalmente como um tipo de pomada antiinflamatória. O bálsamo, que tinha o poder de cicatrizar cortes e matar germes, era um dos produtos de exportação da área. No tempo de Alexandre Magno valia duas vezes o seu peso em prata. A fragrância do bálsamo daquela região era muito cobiçada pelos mercadores, pois servia não apenas para medicamentos, mas também para perfume, unguindo e perfumando os cabelos.

O povo de Israel havia se desviado dos caminhos do Senhor e se recusava a voltar e não havia ninguém no meio do povo que se arrependesse (cf. Jeremias 8.4-6). Eles alcançaram um grau de apostasia tão grande, que desconheciam e rejeitavam completamente as leis do Senhor (cf. Jeremias 8.7, 9). De acordo com a maioria dos estudiosos, o povo de Israel passou a cultivar uma auto-suficiência, passou a confiar em si mesmo e no seu famoso “bálsamo de Gileade”. Quando padecia de alguma enfermidade, bastava apelar para esse bálsamo.

Diante das abominações cometidas pela nação de Israel, Deus, então, exerce Seu juízo divino. Judá, por causa de seu pecado de idolatria, estava padecendo dores, que não podiam ser curadas nem por médicos nem pelo bálsamo. Não tinha cura nem da parte dos homens nem da parte de Deus.

Só então o povo de Israel, reconhecendo sua total incapacidade diante dos males que sofria, resolve voltar-se para Deus, mas para buscar a “cura” e não o “Deus que cura”. É nesse momento que Deus, através do profeta, questiona a nação:

“Porventura não há bálsamo em Gileade? Ou não há lá médico? Por que, pois, não se realizou a cura da filha do meu povo?” (Jeremias 8.22)

Deus estava querendo que o povo confessasse que a arrogância e a prepotência contaminaram o coração da nação. Era como se Ele estivesse dizendo: “*Vocês não têm o ‘bálsamo de Gileade’? Não confiam no seu poder de cura? Então, por que estão vindo até mim suplicando cura?*”. Eles precisavam aprender que não existe vida que seja independente de Deus. Não há ninguém que seja auto-existente.

5.4. Toque no Altar (Ministério Apascentar de Nova Iguaçu)

<p>Quem quer a glória, traz a arca Quem quer o fogo traz sacrifício Quem quer a vida que suba a cruz Quem deseja o favor do Rei Toca na ponta do altar</p> <p>Quem mais poderia te livrar? E mudar tua sorte de uma vez Prostre-se ao chão Estenda a tua mão E toque no altar Tu alcançarás o favor do Rei Toque no altar Tu alcançarás o favor do Rei Toque no altar</p> <p>Quem quer resposta, queima incenso Quem quer a cura, toca no manto Quem quer a honra rasgue suas vestes Quem deseja o favor do Rei Toca na ponta do altar.</p> <p>Quem mais poderia me livrar? E mudar minha sorte de uma vez Prostro-me ao chão Estendo a minha mão E toco no altar Eu alcançarei o favor do rei Toco no altar Eu alcançarei o favor do rei Toco no altar Toco no altar</p>	<p>Sinopse: O autor chama a atenção para quem quer a glória, o fogo, a vida, o favor do Rei, mudar a sorte, a resposta, a cura, a honra, deve tocar na ponta do altar. Para isso, algumas atitudes devem ser tomadas: trazer a arca, o altar, o sacrifício, subir na cruz, prostrar-se no chão, estender a mão, queimar o incenso, tocar no manto, rasgar as vestes e tocar na ponta do altar. Na última estrofe declara que pessoalmente cumpre todas estas atitudes, portanto toca na ponta do altar.</p> <p>Análise: Novamente a utilização de metáforas e figuras de linguagem demonstra uma confusão que acaba por passar uma doutrina estranha com roupagem de ensino bíblico aprovado pelo modelo veterotestamentário de culto. A teologia da prosperidade é apresentada sob a maquiagem da linguagem simbólica do Antigo Testamento. O tocar no altar é apresentado como a fórmula mágica para a solução dos problemas do cristão. Mais uma vez a iniciativa é do homem e a relação com Deus é definida em termos antropocêntricos. O cristão é incentivado a buscar a glória e outros pontos que demonstram egoísmo, numa doutrina contraditória ao Evangelho. Desconsidera-se o papel da providência, colocando-se a vontade do homem acima da vontade de Deus.</p>
--	---

5.5. Os sonhos de Deus (Ludmila Ferber)

Sinopse: A autora se dirige a alguém que tem os sonhos ameaçados, o coração sufocado, ou foi lançado em uma cova e perdeu a visão. Aconselha que não desista, não pare de crer, de lutar e de adorar, pois os sonhos de Deus jamais vão morrer. Ainda recomenda que não pare de adorar, levante os olhos e veja que Deus está restaurando seus sonhos e a sua visão. A seguir declara que a pessoa receba a cura, e a unção de ousadia, de conquista, e de multiplicação.

Se tentaram matar os seus sonhos
 Sufocando o seu coração
 Se lançaram você numa cova
 E ferido perdeu a visão
 Se tentaram matar os seus sonhos
 Sufocando o seu coração
 Se lançaram você numa cova
 E ferido perdeu a visão
 Não desista não pare de crer
Os sonhos de Deus jamais vão morrer
 Não desista Não pare de lutar
 Não pare de adorar
 Levanta os teus olhos e vê
 Deus está restaurando os seus sonhos
 E a sua visão

Recebe a cura
 Recebe a unção
 Unção de ousadia
 Unção de conquista
 Unção de Multiplicação

Análise: A figura de Deus sonhando, embora bela e inspiradora em certo sentido, não possui fundamentação bíblica e pouco fala sobre Deus, senão revelando um caráter passivo. Deus não sonha, Ele age (cf. Daniel 4.35). Deus não sonha, Ele decreta tudo o que há de acontecer na história do homem (cf. Salmo 139.16). Dizer que Deus sonha é considerá-lo humano e desconsiderar atributos essenciais à Divindade, como a onisciência.

É muito comum ouvirmos que Deus sonha e que os sonhos de Deus são estes, são aqueles. Escutamos falar que Deus vai dar Seus sonhos para nós. Bem, se sonho é desejo por realizar, e se Deus é soberano sobre todas as coisas, podemos concluir que essa afirmação está errada. Deus não sonha. Deus não

idealiza algo para o futuro, pois para Ele tudo é presente. Deus também não precisará lutar e tentar para conseguir; Ele pode todas as coisas.

Segundo o dicionário Aurélio, o sonho é um “produto da imaginação; fantasia, ilusão”. Já o dicionário Michaelis afirma que sonho é um sinônimo de “devaneio; utopia”. E que sonhar é “entregar-se a devaneios e fantasias; é **idealizar coisas irrealizáveis**”. Os sonhos servem para que os seres humanos, conscientes das suas limitações, aspirem à realização e concretização de um projeto para o futuro, pois, no presente momento, esse projeto é impossível de realizar-se por causa da sua incapacidade humana.

A vontade de Deus para as nossas vidas não tem necessariamente que estar distantes dos nossos sonhos. Deus age através de propósitos, e propósitos acontecem através de sonhos. Muitas coisas simplesmente não acontecem pelo simples fato de que ninguém tentou fazê-las. Como escreveu Fernando Pessoa: “Deus quer, o homem sonha e a obra nasce”. Deus coloca sonhos em nossos corações a fim de que façamos o que ninguém nunca fez antes.

Os sonhos são para nós e não para Deus. Eu e você temos que sonhar com as coisas e as obras pertencentes a Deus, ter desejos e ideais, desejar com insistência, ter a idéia fixa de almejar. Segundo Sigmund Freud, “o sonho é a satisfação de que o desejo se realize”.

Nós sonhamos, mas Deus não. Sonhos são abstratos e, não raras vezes, inatingíveis. O grande desafio é fazer com que os nossos sonhos se adéquiem à vontade de Deus. Aí sim teremos a sincronia cósmica entre sonho e realidade, uma autêntica sinfonia! A Deus pertence o querer e o efetuar, Ele é Todo-Poderoso, o grande El Shadai, Ele é Senhor, Ele é Deus e **Deus não sonha**, realiza! ...

Além disso, analisando as experiências dos homens de Deus tanto no Antigo como no Novo Testamento, não encontramos nenhum tipo de unção de ousadia, ou de conquista ou até mesmo de multiplicação. Encontramos homens ungidos, capacitados, que operam milagres de Deus na terra; homens e mulheres com unção, mas não uma unção específica. Folheando os arquivos da história da igreja também nos deparamos com muita unção; gente que viveu as mais estranhas experiências espirituais, mas nunca uma unção específica. Eram pessoas ungidas com o Ungido. Na Bíblia não encontramos tipos específicos de unção. Encontramos ungidos com a Unção!

A unção é permanente. Essa verdade contradiz com o conceito de “nova unção”. O Espírito Santo está habitando no crente e mediante isso, o filho de Deus, não necessita de uma “nova unção”. Deus restaura, sim, a nossa unção recebida Dele, mas isso não significa uma “nova unção”.

É necessário muito cuidado com esses clichês gospel, tais como “unção da conquista”, “unção de ousadia”, “unção do profeta Elias”, “unção dos quatro seres” etc. Por trás dessas expressões está um falso conceito de unção, além de distorções doutrinárias.

5.6. Quero ser livre (Ana Paula Valadão Bessa)

Só o teu amor ... só o teu amor
Sara a minha dor
Preenche o meu viver
Só o teu poder ... só o teu poder
Quebra as cadeias
Que prendem o meu ser

Quero ser livre pra adorar
Quero ser livre pra te amar
E caminhar como um vencedor
Como alguém que já morreu
Mas em ti ressuscitou

E as feridas que ninguém vê
Vem tocar com teu poder
Me deste vida em abundância
Quero viver

Quero ser livre pra adorar
Quero ser livre pra te amar
E caminhar como um vencedor
Como alguém que já morreu
Mas em ti ressuscitou

Como alguém que já morreu
Mas em ti ressuscitou

Sinopse: A autora faz uma oração (na primeira pessoa do singular) a Deus reconhecendo o Seu poder de quebrar as cadeias que prendem o seu ser. Ela expressa o seu desejo de viver, de ser livre para adorar Deus e de caminhar como uma pessoa que é vitoriosa.

Análise: A canção é, na verdade, uma negação dos efeitos da obra de Cristo na vida de um indivíduo e a anulação de tudo o que representa o sangue de Cristo derramado na cruz do Calvário.

O Senhor Jesus é bem claro ao afirmar que, aquele que detém o conhecimento da verdade do Evangelho, é verdadeiramente livre e nada pode prender o seu ser (cf. João 8.32, 36).

Se a autora quer ser livre para adorar e amar Deus é porque ela está presa, é escrava e desconhece o verdadeiro amor que nos livra de todo jugo (cf. Naum 1.13). Ao contrário da autora que se sente presa para adorar, o autor de Hebreus nos convida a entrar com ousadia no santíssimo lugar (a presença de Deus), pelo sangue de Jesus (cf. Hebreus 10.19). Além disso, se ela quer caminhar como

um vencedor, é porque ela vem caminhando como uma derrota, mesmo a Palavra de Deus afirmando que nós somos mais do que vencedores (cf. Romanos 8.37).

E para terminar a autora “quer viver”. Só quer viver quem está morto. E Deus é Deus dos vivos e não dos mortos (cf. Lucas 20.38). E nós já passamos da morte para a vida! (cf. João 5.24; 1João 3.14).

5.7. Faz um milagre em mim (Regis Danese / Gabriela)

Como Zaqueu eu quero subir
o mais alto que eu puder
só pra te ver, olhar para Ti;
e chamar sua atenção para mim.
Eu preciso de Ti, Senhor
eu preciso de Ti, Oh! Pai
sou pequeno demais
me dá a Tua Paz
largo tudo pra te seguir.

Entra na minha casa
entra na minha vida
mexe com minha estrutura
sara todas as feridas
me ensina a ter Santidade
quero amar somente a Ti,
porque o Senhor é o meu bem maior,
Faz um Milagre em mim.

Sinopse: O autor faz uma oração (na primeira pessoa do singular) a Deus clamando por Sua atenção e reconhecendo sua insignificância diante da grandeza do Criador. Ele clama por um milagre divino em sua vida, de tal forma que a sua estrutura seja alterada e as todas as suas feridas saradas.

Análise: A canção defende a idéia de um amor apenas **vertical** (homem – Deus). O autor afirma querer amar apenas Deus. Essa afirmação dá margem para uma interpretação subjetiva de que o importante é amar apenas a Deus, desconsiderando assim, o amor ao próximo.

O amor quando se manifesta apenas na horizontal gera o ateísmo. Da mesma forma, quando o amor ocorre apenas na vertical, é gerado o **fanatismo** religioso. No mundo atual há milhões de pessoas que, em nome do “amor” que nutrem pelo seu deus, matam seus semelhantes: seja de forma literal ou em seus corações. São pessoas que se preocupam apenas com o ser divino e se esquecem por completo do ser humano. Esse tipo de comportamento é totalmente contrário ao amor divino e seu respectivo princípio:

“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros.” (João 13.35)

“Nós amamos, porque ele nos amou primeiro. Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu. E dele temos este mandamento, que quem ama a Deus ame também a seu irmão.” (1João 4.19-21)

O ideal é o equilíbrio. O nosso amor deve acontecer tanto na vertical como na horizontal. Devemos amar a Deus, mas também devemos amar o nosso próximo. Para que a canção estivesse de acordo com o conceito e princípio bíblicos, em vez da expressão: “*quero amar somente a Ti*”, deveria conter a expressão: “*quero amar além de Ti, àqueles feitos à Tua imagem*”.

Ainda sobre essa canção de Regis Danese, o Pr. Ciro Sanches Zibordi escrevendo em seu blog (<http://cirozibordi.blogspot.com/2009/05/como-zaqueu-eu-quero-descer.html>), expôs o seguinte:

A canção mais cantada pelo povo evangélico na atualidade, a qual começa assim: “Como Zaqueu, eu quero subir o mais alto que eu puder”.

Primeira pergunta para reflexão: Zaqueu, quando subiu na figueira, era um seguidor de Jesus, um verdadeiro adorador? Não. Ele era um chefe dos publicanos, desobediente a Deus e corrupto (cf. Lucas 19.1-10). Nesse caso, como um crente em Jesus Cristo, liberto do poder do pecado, pode ainda desejar ser como Zaqueu, antes de seu maravilhoso encontro com Jesus?

Segunda pergunta para reflexão: Por que Zaqueu subiu naquela árvore? Ele estava sedento por salvação? Queria, naquele momento, ter comunhão com Jesus? Não. A Palavra de Deus afirma: “E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando. E eis que havia ali um varão chamado Zaqueu; e era este chefe dos publicanos, e era rico. E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura” (Lucas 19.1-3). Ele não subiu na figueira porque estava desejoso de ter comunhão com Jesus, mas porque estava curioso para vê-lo.

Terceira pergunta para reflexão: O verdadeiro adorador deve agir como Zaqueu, ou como o salmista, que, ao demonstrar o seu desejo de estar na presença de Deus, afirmou: “Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” (Salmo 42.1-2)? Será que o pecador e enganador Zaqueu tinha a mesma sede do salmista? Por que um verdadeiro adorador desejaria ser como Zaqueu?

Mas o hit “evangélico” continua: “Só pra te ver, olhar para ti e chamar sua atenção para mim”. Outra pergunta para reflexão: Será que precisamos subir o mais alto que pudermos para chamar a atenção do Senhor? Zaqueu, segundo a Bíblia, subiu na figueira por curiosidade. Mas Jesus, olhando para cima, lhe disse: “Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa” (Lucas 19.5). Observe que não foi Zaqueu quem chamou a atenção de Jesus. Foi o Senhor quem *olhou para cima* e viu aquele pecador perdido e atentou para ele (cf. Mateus 9.36).

A atitude de Zaqueu que nos serve de exemplo não foi o subir, e sim o descer, para atender o chamamento de Jesus: “E, apressando-se, desceu, e recebeu-o gostoso” (Lucas 19.6). Por conseguinte, pergunto: O adorador, salvo, transformado, precisa subir para chamar a atenção de Jesus? Não. Na verdade, o Senhor está com o contrito e abatido de espírito (cf. Isaías 57.15). Espiritualmente falando, Ele atenta para quem desce, e não para quem sobe (cf. Salmo 138.6; Lucas 3.30).

Mais uma pergunta para reflexão: Se a atitude que realmente recebe destaque, na história de Zaqueu, foi a sua descida, por que a canção enfatiza a sua subida? O mais lógico não seria cantar “Como Zaqueu, eu quero descer”? Reflitamos. Afinal, como diz uma frase que circula na grande rede, o Senhor Jesus morreu para tirar os nossos pecados, e não a nossa inteligência.

A composição não é de todo condenável, pois o adorador que se preza deve mesmo cantar: “Eu preciso de ti, Senhor. Eu preciso de ti, ó Pai. Sou pequeno demais, me dá a tua paz”. Mas, a frase seguinte provoca outra pergunta para reflexão: “Largo tudo pra te seguir”. Estamos mesmo dispostos a largar tudo para seguirmos ao Senhor? E mais: É preciso mesmo largar tudo para segui-lo?

O que o Senhor Jesus nos ensina, em sua Palavra? Em Mateus 16.24, Ele disse: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me”. Renunciar não é, necessariamente, abandonar, largar, mas pôr em segundo plano. A própria família pode ser um

obstáculo para um adorador. Deve ele, nesse caso, largá-la, abandoná-la? Claro que não! Renúncia equivale a priorizar uma coisa em detrimento de outra.

Não precisamos largar a família, o emprego, etc. para seguir o Senhor! Mas precisamos considerar essas coisas secundárias ante a relevância de priorizar a comunhão com Jesus (cf. Mateus 10.27). Nesta última passagem vemos que o adorador deve amar prioritariamente o Senhor Jesus, mas sem abandonar tudo para segui-lo! Não confundamos renúncia com abandono. O que devemos largar para seguir a Jesus é a vida de pecado, e não *tudo*.

A canção continua: “Entra na minha casa. Entra na minha vida”. O compositor se refere a Zaqueu, mas não foi este quem convidou o Senhor para entrar em sua casa. Na verdade, foi Jesus quem lhe disse: “Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa” (Lucas 19.5). Nota-se, pois, que esta parte da canção não é essencialmente cristocêntrica, e sim antropocêntrica. Mais uma pergunta para reflexão: O hit em apreço prioriza a obra que Jesus faz na vida do pecador, ou dá mais atenção ao que o homem, o ser humano, faz para conseguir o que deseja? A canção enfatiza a Ajuda do Alto, ou a autoajuda?

Outra pergunta: Um verdadeiro adorador, um servo de Deus, alguém que louva a Jesus de verdade, que canta louvores ao seu nome, não é ainda uma habitação do Senhor? Por que pedir a Ele que entre em nossa casa e em nossa vida, se já somos moradas de Deus (cf. João 14.23; 1Coríntios 6.19-20)?

Quanto à última frase “Faz um milagre em mim”, o compositor comete o mesmo erro de português constante da campanha de publicidade da Embratel: “Faz um 21”. Na verdade, no caso da canção o correto seria: “Faze um milagre em mim”. E, no caso da Embratel: “Faça um 21”. Conhecer o vernáculo é uma necessidade de quem lida com textos.

Diante do exposto, que os pecadores, à semelhança de Zaqueu, desçam, humilhem-se, a fim de receberem a gloriosa salvação em Cristo (cf. Lucas 18.9-14). E quanto a nós, os salvos, os verdadeiros adoradores, em vez de subirmos o mais alto que pudermos, que também desçamos a cada dia, humilhando-nos debaixo da potente mão de Deus (cf. 1Pedro 5.6), a fim de que Ele nos ouça e nos abençoe (2Crônicas 7.14-15).

5.8. Espírito Santo (Eyshila / Intérprete: Fernanda Brum)

Sinopse: Baseada no ensinamento de Paulo aos cristãos em Roma (cf. Romanos 8.26-27), a autora faz uma oração (na primeira pessoa do singular) dirigida à pessoa do Espírito Santo. Nessa oração ela pede que o Espírito Santo ore em seu lugar, pois ela mesma não consegue utilizar, corretamente, palavras que expressem os seus sentimentos. E diante da fraqueza e dor causadas por essa incapacidade de expressão, a autora suplica: “*Espírito Santo vem orar por mim*”.

Análise: Não devemos adorar ao Espírito Santo, mesmo que certos hinos ou corinhos sejam dirigidos direta ou indiretamente a Ele, pelos seguintes motivos:

Espírito Santo ore por mim
 Leve pra Deus tudo aquilo que eu preciso
 Espírito Santo use as palavras
 Que eu necessito usar mas não consigo
 Me ajude nas minhas fraquezas
 Não sei como devo pedir
 Espírito Santo
 Vem interceder por mim

Todas as coisas cooperam pra o bem
 Daqueles que amam a ti
 Espírito Santo vem orar por mim

Estou clamando, estou pedindo
Só Deus sabe a dor que estou sentindo
 Meu coração está ferido
 Mas o meu clamor está subindo.

1. Em toda a Bíblia não encontramos nenhuma indicação de que os crentes tenham orado ao Espírito Santo ou que deveriam fazê-lo¹.

2. O próprio Senhor Jesus Cristo disse claramente e repetidas vezes que devemos invocar o Pai em Seu Nome:

“E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.” (João 14.13-14)

“...se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome. Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.” (João 16.23b-24)

“...a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.” (João 15.16)

Em nenhum lugar o Senhor Jesus deu ao menos uma leve indicação de que deveríamos orar ao Espírito Santo ou Lhe pedir alguma coisa!

O apóstolo Paulo, em Efésios 6.18, faz a seguinte exortação: *“...com toda oração e súplica, orando em todo tempo **no Espírito**, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos.”*

Orar **“no Espírito”** é algo bem diferente do que orar **“ao Espírito”**! Pois, no fundo, “orar no Espírito” significa simplesmente: orar através do Espírito de Jesus! E isso, significa, conforme Sua orientação, que podemos e devemos aproximar-nos do Pai em nome de Jesus, na certeza de que Deus atende à oração!

Em relação ao texto, usado como base para a composição da canção, podemos propor a seguinte questão: Por que o Espírito Santo iria interceder por nós diante dEle mesmo – uma vez que Ele também é Deus? E essa verdade teológica é totalmente desconsiderada pela autora, pois, ao afirmar que *“só Deus sabe”* o que está sentindo, ela também está afirmando (implicitamente) que o Espírito Santo não é Deus e por isso desconhece os seus sentimentos.

Além disso, ao realizarmos uma análise exegética, do referido texto, podemos chegar às seguintes conclusões:

*“Do mesmo modo também o Espírito nos **ajuda** (ou **assiste**) na fraqueza; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o Espírito mesmo **intercede** por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que*

¹ Alguns teólogos (como Wayne Grudem, em sua obra intitulada *Teologia Sistemática – p. 179-180*) utilizam-se justamente essa ausência indicadora como subterfúgio para afirmarem que é permitido sim, orar ao Espírito Santo, uma vez que também não há nenhum versículo que proíba explicitamente tal ato. Para eles, Embora nenhuma oração diretamente dirigida ao Espírito Santo tenha sido registrada no Novo Testamento, não há nada que proíba tal oração, porque o Espírito Santo, semelhantemente ao Pai e ao Filho, é plenamente Deus e, portanto, é digno de oração e poderoso para responder a nossas orações. Mas para aceitarmos essa afirmação é necessário, porém, que abramos mão de todos os versículos correlatos que tratam sobre o esse assunto, além de ignorarmos por completo todas as verdades que se encontram implícitas, isto é, inferidas, nos mesmos.

esquadrinha os corações sabe qual é a intenção do Espírito: que ele, segundo a vontade de Deus, intercede pelos santos.” (Romanos 8.26-27)

No texto o verbo “ajudar” ou “assistir”, do grego συναντιλαμβάνεται (*synantilambánetai*), expressa a idéia de “estender juntos a mão, ao mesmo tempo que alguém”. Em outras palavras, o Espírito Santo atua ao nosso lado, nos dando suporte, e não agindo em nosso lugar (como sugere a autora da canção), colocando-nos como seres totalmente passivos no processo da oração.

A função do Espírito Santo não é (e nunca foi) orar por mim ou por você, mas, sim, **interceder**, do grego ὑπερεντυγχάνει (*hyperentynchánei* = “fazer petição em favor de outrem”) – v. 26. A palavra ὑπερεντυγχάνει (*hyperentynchánei*) é pitoresca e denota a libertação por alguém que “acontece” sobre aquele que está em perigo e, “em seu favor” intercede com “gemidos inexprimíveis” ou com suspiros que substituem palavras.

No texto bíblico, para o verbo interceder, também é usado o vocábulo grego (*entynchánei* = concordar com; harmonizar-se com; encontrar-se para conversar; pleitear com uma pessoa, quer a favor ou contra outros). Esse termo expressa a idéia de que o Espírito Santo é o meu companheiro nos momentos em que eu estou orando – e não o meu substituto. Sou eu quem ora, não Ele (cuja função é tão somente traduzir as minhas expressões e gestos não verbalizados em oração ao Pai).

Portanto, ar direto e especificamente ao Espírito Santo não tem princípio bíblico, pois o Espírito Santo não toma para si a glória do que recebemos por meio de oração. Ele não fala de si mesmo, antes glorifica a Jesus (cf. João 16.14). Logicamente, uma oração dirigida ao Espírito Santo não se justifica. Vemos, contudo, que nem sempre sabemos pedir o que nos convém e nem temos condições de chegar à presença de Deus. Neste sentido, é lícito esperarmos numa atuação **voluntária** do Espírito Santo a nosso favor. Essa intercessão pode nos comunicar uma intensidade de oração que nos tornará agradáveis a Deus e capazes de alcançar a sua resposta.

5.9. Intimidade (Antonio Cirilo / Intérprete: Nívea Soares)

Sinopse: O autor busca, através da poesia, expressar toda a sua paixão por Jesus. Ele anela estar com Cristo em todos os momentos, desfrutando de momentos íntimos ao lado daquele pelo qual está apaixonado. Como resultado dessa intimidade conquistada, o autor deseja vestir as roupas de Jesus, esconder Suas sandálias, calçar Seus sapatos, comer no Seu prato, deitar em Seu colo, recostar-se em Seu peito e correr pela casa atrás Dele (como uma brincadeira de pega-pega) e se esvair em Seus abraços.

Análise: Antes de qualquer coisa não pode confundir a maneira como essa canção foi composta com o que chamamos de “licença poética”. Licença poética é absolutamente diferente disso. Isto posto, confesso que estou assustado com o fato de que canções com esta, chegam a ter uma conotação romântico-sensual. Ora, só falta os nossos vocacionados e abnegados cantores gospel parafrasearem Roberto Carlos cantando “*como é grande o meu amor por você*”.

Jesus, quero ficar Contigo
 Eu quero ser Seu amigo
Quero comer no Teu prato
Calçar os meus pés nos Teus sapatos
 E me arrastar
 Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá [...]

Jesus, eu quero muito Você
Pegar Tuas sandálias e esconder
Esconder pra Você não sair
 pois quero estar perto de Ti
 E Te abraçar
 Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá [...]

Eu, quero deitar no Teu colo
 Te contar tudo, tudo que eu sei
Descansar recostado ao Teu peito
 Ouvindo o Teu coração
 E me acalmar
 Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá [...]

Jesus quero vestir Sua camisa
Com as mangas maiores que meus braços
Correr pela casa ao Teu encontro
Me abandonar no Teu abraço
 E Te abraçar
 Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá [...]

Preciso tanto de Ti
 Tanto, tanto, tanto
 Quero ficar contigo
 Meu Jesus
 Quero Te abraçar
 Quero Te tocar

É deprimente saber que essa canção é reconhecida como um louvor. Ao lermos podemos ter claramente a impressão de ela é dirigida a um namorado. O autor confunde realmente **adoração** com **sentimentos afetivos**.

Intimidade e comunhão com Deus não são coisas que as simples palavras possam expressar, mas são algo que devemos desejar ardentemente e vivenciar em sua plenitude.

A cada dia surgem novas canções, cuja ênfase quase sempre está em beijar, abraçar e sentar no colo de Jesus (cf. letra da canção “Teu Perfume”, do grupo *Quatro por Um*).

A canção peca por tratar de Deus na perspectiva da humanidade. Se não fosse assim, como poderíamos tocar nos pés de Jesus? Beijá-lo? Abraçá-lo?

Exagero meu? Analise novamente a letra da canção e responda qual é a diferença entre entoarmos essa canção ou parafrasearmos, respectivamente, cantores como Wando e Paula Toller e dizermos “*Jesus, meu iaiá, meu ioiô, me beija na boca, me ama no chão*” ou então parafrasearem “*tira essa túnica que eu quero você sério*”?